

URBANIZAÇÃO

BAIRRO E VIDA DE BAIRRO

*Odette Carvalho de Lima Seabra**

P

arece existir uma mística em relação ao bairro que o reintroduz na prática social como objeto de discurso. O bairro se torna cada vez mais portador de ideologia, com

a qual, supostamente, seria possível produzir uma opinião visando determinadas práticas. Isto aparece, seja nos argumentos preservacionistas, visando qualificar um patrimônio, seja nos argumentos de segurança, visando o estabelecimento de territórios. Torna-se, portanto, necessário compreender qual é o estatuto do bairro na história urbana e porque tanto se evoca o bairro. Afinal, é preciso não deixar margem às ontologias e nem às nostalgias. Impõe-se compreender a historicidade do bairro.

Mostro, neste breve estudo, aspectos da formação dos bairros de além-Tietê em São Paulo e indico algumas das suas metamorfoses. Antes de tudo, firmo as premissas do meu raciocínio, relativas à urbanização.

URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO

Muito já foi escrito sobre os processos modernizadores induzidos pela acumulação mercantil cafeeira, e necessários à industrialização de São Paulo. Meu ponto

de vista é que a industrialização, uma vez em curso, implicou uma inflexão na história urbana pois a cidade que originalmente teve fundada importância por suas funções simbólicas (religiosas, artísticas) e políticas, com a industrialização iria acumular processos de outra natureza, tendo, contudo, arrastado ou preservado, por longo tempo, representações e atributos de origem. E isto até o ponto que a idéia de cidade aparecesse como uma produção política, logo concebida como a que se evoca nos centros históricos. Para os pobres urbanos as práticas correspondentes a tal ideário, ou seja, a cidade estrategicamente identificada por seu velho centro é violência pura e simples.

A cidade de São Paulo, com seus bairros, ficou no centro de um processo de formação e reprodução capitalista, porque era o locus do capital mercantil. E, enquanto tal, foi abrigando processos que ganharam materialidade e que resultou numa concentração de coisas, de pessoas, de atividades, de riqueza, de objetos, de instrumentos, de meios, de pensamentos, sob uma lógica de sistema, cujo sentido é o da funcionalidade técnica combinada à rentabilidade econômica. Claro está que a cidade com o seu poder simbólico foi sendo subsumida a essa lógica, em essência dessacralizadora.

Mas não se trata de um movimento ino-

cente, sem sujeito. A industrialização e os seus processos correlatos pressupõem decisões, perfil empresarial, políticas. Enfim, uma burguesia com consciência prática, capaz de dirigir o processo. A cidade de São Paulo já produzira uma elite ligada ao café, para quem a cidade era tradução de seu gosto estético e de valores civilizatórios que fora assumindo no movimento de modernização geral da sociedade.

Assim, na mesma medida que a cidade abrigava os circuitos de uma economia mercantil, passava também a ser um lugar da reprodução capitalista. É no desencanto dos inúmeros processos desencadeados que se vai configurar a metrópole, pelo dilaceramento da cidade histórica.

A implosão da cidade deriva desta capacidade, desta força de reunião, e da positividade que ela gera, até o ponto que a "lei dos rendimentos decrescentes" atue. Assim, o movimento que amplifica a capacidade de receber migrantes, de criar postos de trabalho, de gerir o bem público, de criar estruturas fixas essenciais à vida urbana vai rompendo, dilacerando a estrutura funcional e normativa da cidade, produzindo-a já, então, como metrópole. A cidade foi pelos ares; a explosão da cidade aparece concretamente no tecido urbano que prolifera.

O tema da metrópole e da metropo-

lização como processo é, na verdade, o da passagem de uma comunidade simbólica, fundada no ideário difundido a partir da cidade como centro da vida, para uma "comunidade real" sobre a base de uma identificação do cidadão partícipe de uma "comunidade política", condição *sine qua non* da democracia.

Mas a comunidade política é apenas uma possibilidade pois a prática social, nos limites da democracia formal, está centrada no indivíduo. Por isso a urbanização carrega a luta de sujeitos sociais fragmentados nos seus pertencimentos, desterritorializados e sempre em vias de o serem que, não obstante, têm que resolver problemas de sobrevivência, aqueles da existência concreta e cotidiana. Os enfrentamentos são de toda ordem, uns vão contra a propriedade imobiliária e outros contra o mercado de um modo geral.

Estas lutas no plano da existência de homens concretos situa-os entre o ser e não ser: ser cidadãos ou não ser nada. Em não sendo cidadãos vivem os impasses que a democracia formal parece não poder resolver.

A metropolização como processo foi a estruturação dos mercados, implicando, de um ponto de vista lógico, produtividade crescente do trabalho e racionalidade técnica do espaço, sob as premissas de relações profundamente desiguais.

Assim, a temática da cidade e seus bairros precisa ser enfocada como circunstância do processo de urbanização cujo sentido é o de "separar e mobilizar", para integrar às cadeias de equivalência, ou aos circuitos monetários, relações, produtos e coisas. A metrópole não está dada. A metrópole vai ganhando realidade como síntese de um gigantesco processo mobilizador e concentrador, que produz uma outra espacialidade do urbano. A metrópole se configura como uma síntese contraditória da cidade.

A GÊNESE DOS BAIRROS

Em todo o Ocidente o bairro corresponde a uma espacialidade elementar, cujos nexos são a vizinhança, o parentesco e o compadrio. Foi pela articulação destes três níveis que o bairro ganhou realidade, traduzindo-se como vida de bair-

ro, produzindo profundos enraizamentos.

O Catolicismo Romano dominou amplamente entre nós, tanto que salvo os bairros étnicos como o dos judeus, os bairros geralmente coincidiram com as paróquias, e foi, a partir das capelas e igrejas que foram sendo configuradas as modalidades da vida de bairro. Mas, não obstante ser o bairro um fenômeno pré-moderno, foi sob os impulsos da industrialização que a vida de bairro em São Paulo se tornou mais ampla, difusa, diversa e mais rica. Como se sabe, porque já foi muito discutido, um dos atributos positivos do mundo do trabalho que ia se estabelecendo com a industrialização foi o de poder reunir aquilo que estava disperso, de redefinir o pré-existente, o supérfluo, o sobranje. Além disso, a vida de bairro, impulsionada pela industrialização em São Paulo, foi levada a um extraordinário sincretismo, porque reuniu matrizes culturais muito diversas. Reuniu aos negros, brancos e índios, estes que estavam na origem da ocupação e do povoamento da região de São Paulo, a imigração estrangeira.

Na região de São Paulo dominava uma população rala, dispersa conhecida por caboclos segundo o perfil étnico e que era rústica, religiosa segundo os modos de ser. Esta era a base do caipira de São Paulo.

Os velhos núcleos de povoamento antigo: Penha, Santana, Nossa Senhora do Ó, Santo Amaro e Pinheiros forneceram as bases para a formação de uma vida de bairro, marcadas por fortes continuidades, a partir das práticas religiosas nas paróquias e freguesias. Com a industrialização surgem novos bairros: Brás, Moóca e Belenzinho. É escusado dizer que estes bairros industriais, por serem muito homogêneos, foram identificados com os imigrantes italianos, mas mesmo ao final do século, nas áreas de expansão do corpo principal da cidade como: Bom Retiro e Bexiga já habitavam muitos desses imigrantes. Na Zona Norte de São Paulo, de Santana a Nossa Senhora do Ó, neste século, existiam sítios e roças de caboclos – caipiras. O isolamento desta área, por ter ficado fora dos fluxos de circulação que a economia cafeeira criara, é que permitiu tais persistências.

A metropolização de São Paulo é um fenômeno deste século e implicou na me-

tamorfose da cidade em metrópole. A relação bairro-paróquia, que esteve nos fundamentos desse processo, ficou em defasagem com o crescimento urbano. O movimento interno da Igreja, que garantia sua presença nas diferentes localidades, não acompanhou a demanda do processo de urbanização. Foi possível, portanto, concluir que as paróquias consolidavam a vida de bairro e constatar, também, que era pela forma dos loteamentos de áreas rurais que a cidade crescia e que nem todos os loteamentos se tornariam bairros. Se estabelecia um desencontro entre o tempo lento de geração do bairro e a lógica do especulador mas, fundamentalmente, porque a crescente aceleração e diversificação de uso do tempo impediam a estabilidade da vida de bairro. Assim, a família tendia a perder a sua maior territorialidade que foi o bairro.

OS BAIRROS DE ALÉM-TIETÊ

Foi a partir dos velhos núcleos de povoamento de Nossa Senhora do Ó e de Santana, domínio de uma população original de sitiantes, em meio a qual se foi definindo uma vida de bairro. Trata-se de uma vasta área separada da cidade pelo Rio Tietê e que fora preterida no traçado das ferrovias de São Paulo. Foi preciso que se completasse a retificação do rio Tietê, pois que fora feita em longas etapas; foi preciso que sítios e chácaras fossem destinados à moradia de trabalhadores urbanos, assalariados, para que seu "ar caipira" fosse desaparecendo. A casa de bom tamanho com quintal e com árvores frutíferas, muitas das que por lá ainda existem, são remanescentes dos primeiros moradores.

Os loteamentos da Zona Norte foram tardios se comparados, por exemplo, aos da Zona Leste. Foi preciso que entre os proprietários originais sitiantes, e os compradores de lotes urbanos se antepusesse o negociador de terras, loteador – especulador. Figura que aparece, na Zona Norte, um pouco mais tarde porque até meados do século (1950) as ligações com a cidade eram de fato precárias. Tanto que existiam muitos negócios com terras direto com os caipiras, mas, obviamente sem a lógica que preside o loteamento. Na ver-

dade a terra era moeda de troca do caipira, mas que nem sempre virava moeda; com frequência trocava-se terra por víveres nas vendas e fazia-se doação de terra por reconhecimento; pude registrar a troca de um sítio por uma carroça, isso porque o caipira não era um sujeito de necessidades monetarizadas.

Santana estava localizado apenas a quatro quilômetros do Bairro da Luz e sempre foi a localidade que apresentou maiores e melhores ligações com a cidade. Tornou-se o principal núcleo da Zona Norte. Foi ganhando densidade histórica, primeiro pela atividade da Fazenda dos Jesuítas, depois, no final do século XIX, com a montagem do sistema de captação de água

Foto: Adriana Seabra



Arco da porta de entrada da Capela de Santo Antonio do Limão. Foi também entrada para o Cine Ozanã e hoje separa secções de trabalho da indústria Zincoauto, no Bairro do Limão.

na Cantareira, (1893), para o abastecimento da capital; o *Tramway* que tinha servido para transportar material das obras servira para transporte urbano, fato que criou a oportunidade para que muitas terras ao longo do *Tramway* tivessem uso urbano.

A modernização da Zona Norte, a partir de melhoramentos urbanos ou pela presença cada vez mais expressiva de trabalhadores da indústria e do comércio, iria sendo traduzida numa integração progressiva da região ao corpo da cidade. Mas o foi lentamente, tardiamente se comparada à densidade econômica, política e social de outros bairros. O mais notável é que cada melhoramento atuava na redefinição da estrutura regional herdada, provocando

uma maior e mais direta articulação com a cidade.

Os melhoramentos urbanos são produtos de relações, mas enquanto tais são também portadores de novas possibilidades, à mesma medida que indicam novas relações. Vejamos: em 1912 foi instalado o primeiro telefone na Zona Norte, e, foi no colégio Santana. Enquanto o primeiro telefone de Nossa Senhora do Ó é de 1940, a iluminação da rua principal de Santana, da Ponte Grande até o alto da colina, data de 1888. Enquanto isso, Nossa Senhora do Ó continuava distante e separada da cidade. E ainda, por volta de 1910, o caipira

de Nossa Senhora do Ó seguia, semanalmente, com sua carrocinha em direção à cidade para vender a “Caninha do Ó”. Em 1913, teve início o loteamento do sítio Casa Verde, a ponte da Casa Verde é de 1922, mas as balsas, que faziam a travessia do Tietê, eram da década de 10.

Sob o ponto de vista da Zona Norte, Santana firmava-se como uma espécie de capital da região, mas o serviço de balsa pelo Tietê já indicava novos processos. Tratava-se da presença de trabalhadores das indústrias, localizadas ao longo da ferrovia, que foram morar do outro lado do rio, já na virada do século.

Logo, esta enorme região de além-Tietê sofreu os impactos da industrialização já na virada do século. Com o advento da República, as querelas que se abriram entre o Estado e a Igreja não alteraram a presença da Igreja nestes territórios. Presença que se fazia através das paróquias de Santana (1895), de Nossa Senhora do Ó (1796) e das inúmeras capelas, as capelas de Santa Cruz, que lhes eram filiadas. O atributo mais significativo do povoamento desta região era a sua religiosidade e isto a marcava profundamente. Tratava-se de um catolicismo rústico, componente da cultura caipira. Mas a industrialização de São Paulo começou a produzir seus efeitos nesta região, criando a oportunidade para florescer uma rica e diversa vida de bairro, porque combinava estes atributos locais com a força do novo, do qual o imigrante era portador.

A industrialização é concentradora, maximizadora do uso do tempo e do espaço. Por sua lógica reúne aquilo que está disperso e potencializa enormemente o que reúne. Foi assim que os primeiros imigrantes, operários, artesãos de diferentes ofícios foram se estabelecendo em meio aos caipiras, relacionando-se com os caipiras sem mesmo disporem ambos, de uma língua comum. Mas por suas práticas fortemente enraizadas acabaram criando o *ethos* da vida de bairro.

A localização de indústrias ao longo das ferrovias induziu ao estabelecimento de moradias operárias nos baixos terraços e mesmo nas várzeas do Tietê, na margem oposta às ferrovias. Na Lapa de Baixo estava a Vidraçaria Santa Marina; na Água Branca, o Cortume, o Matarazzo; a Fábri-

ca de Cordas estava na Barra Funda; Camas Patentes na Ponte Pequena, entre tantas outras. Operários pobres destas e certamente de outras indústrias, estabelecendo moradia entre sítios e chácaras foram aí formando pequenos povoados, desde a virada do século.

Em documento datado de 1903, o imigrante italiano, natural de Pádua, trabalhador na Fábrica de Cordas, o senhor Cristiano Giós, solicitou à Cúria Metropolitana benzimento da capela de Santo Antônio do Limão¹. O bairro do Limão se formava no início do século, nucleado em torno de uma capela a apenas dois quilômetros da Barra Funda, embora do outro lado do Tietê. O mundo era bastante sagrado, a centralidade da vida era dada por uma religiosidade cultivada como modo de ser. E isto era tanto mais forte quanto mais isolados estivessem os pequenos povoados.

Uma sociabilidade essencial articulava práticas, sobretudo religiosas que eram as rezas, novenas, procissões. Todas eram atividades coletivas, às quais integravam-se imigrantes operários. Integravam-se porque igualmente católicos, transformavam-nas porque recusavam as práticas do catolicismo rústico e porque inseridos no mundo do trabalho. A religião e a religiosidade começavam a ser modificadas, claro que de modo inconsciente e muito, mas muito lentamente, pois é assim que se expressam os fenômenos da cultura. Em 1998, já idoso, um descendente dos caipiras originais do lugar dizia, *"eles vieram muito depois, aqui era tudo da Santa Cruz. Eles tiraram a capela, fizeram a outra... a cruz preta a da capela, ficou por aí e Nhá Ninha, quando velha e quase louca andava com a cruz nas costas pra lá e pra cá"*.

Não obstante, caipiras e imigrantes, moradores desta localidade, criaram uma densa e rica vida de bairro. Uma sociabilidade essencial, que constitui um nível de relações sem o qual não se poderia viver, foi articulando-os na vizinhança, no parentesco e no compadrio. É claro, experimentando muitos conflitos.

A vizinhança aparece, em princípio, como contingente e até certo ponto é mesmo. Há acasos quanto a ser este ou aquele o vizinho da moradia, freqüentador da venda, da Igreja. Mas num quadro de pouca diversidade, de poucos meios como nas

sociedades tradicionais, com seus povoados pobres, a vizinhança é um componente necessário, porque se insere num conjunto de reciprocidades, de compromissos herdados. É muito mais que a troca da xícara de arroz ou de óleo, como aliás sobreviveria esta prática na urbanização moderna. É um exercício das habilidades do fazer com trocas de conhecimentos e de valores que fundam atitudes diante da vida. Ora, nestas pequenas localidades, separadas da cidade, com contingente de população tradicional em franca transformação, a oportunidade para relações profundas foi muito grande. Os fatores e meios de socialização das crianças e dos jovens vinham diretamente da sua experiência com os mais velhos, a partir das formas de uso do tempo no âmbito da família. Convém não esquecer que o bairro foi a maior territorialidade da família. A disposição original das casas no espaço do bairro fornece algumas indicações sobre como foram as práticas de sociabilidade.

As casas até a terceira década do século, eram construídas à beira da rua, com quintais grandes, e, em geral, não tinham muros. Logo, a vida da casa estava voltada para fora, e o fora era o lugar de todos, dir-se-ia hoje, era o público. Enquanto os fundos sem muro permitiram um tipo de circulação mais "doméstica".

A solidariedade vicinal era uma prática intrínseca às relações, mas também um valor: ser um bom vizinho chegou ser uma qualidade almejada. Isto pressupunha prontidão para as vicissitudes da vida. Diz-me uma velha moradora do Limão: *"na época da guerra eu não tinha tudo em casa por causa do racionamento; meu marido, antes de dormir foi tomar café na venda. Como estava demorando, abri a porta da rua pra ver onde ele estava e o bairro já estava cheio de gente correndo pra lá e pra cá. Ele tinha tido ataque do coração. Morreu e todo mundo cuidou dele e de nós também. Eu tinha quarenta anos e seis filhos"*.

Da solidariedade vicinal vinham os conhecimentos e estes podiam dar origem ao compadrio. Assim sendo, selavam-se compromissos e produzia-se a extensão da família em conformidade com os preceitos da Igreja. O compadrio significava compartilhar da proteção que é necessária

ao desenvolvimento de uma criança. Implicava rituais, atitudes do padrinho e do afilhado para o resto da vida.

Na história dos bairros vê-se que a notoriedade do morador chegou a ser também anunciada pelo número de afilhados.

AS PRÁTICAS MODERNAS

No bairro iam sendo articuladas práticas que foram suportes para dois movimentos da vida urbana moderna em São Paulo e da vida de bairro em geral. Eram eles o futebol e o cinema. Tanto um como outro difundiram-se de cima para baixo e irradiaram-se pela sociedade. O futebol, inicialmente, foi praticado pela elite paulistana, mas só cresceu como atividade esportiva superando os estreitos limites de onde nasceu, envolvendo a sociedade inteira. E a coincidência de São Paulo dispor de espaços abertos, espaços de uso comum, favoreceu de modo singular o futebol de bairro.

Já o cinema, que aparecia como destinado exclusivamente às áreas centrais da cidade, também chegou aos bairros, como se verá.

O FUTEBOL DO DIA-A-DIA

Os meninos chutavam latas e bolas de meia pelas ruas; pelos campos, chutavam a bola de capotão².

Desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja. Não obstante, nas paróquias, nos colégios católicos houvessem esforços para assimilar esses impulsos. A sociabilidade da vida de bairro foi enormemente enriquecida com o futebol.

Formaram-se times em profusão. Os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times da paróquia, com times de vilas. Cada cidade tinha seu time principal.

É importante reter que isso implicava numa enorme mobilização de pessoas de um lugar para o outro: entre os bairros, no interior de cada bairro e entre cidades. O futebol contribuía para a afirmação das



Moradores do Bairro do Limão, torcedores da AAA - Associação Atlética Açucena em domingo de jogo no Parque Balneário Vila Galvão. No centro da foto, ao fundo, vestindo terno e gravata, o Sr. Antonio Cabral de Rezende, Presidente do clube do Limão. Local, Vila Galvão; Data: meados dos anos quarenta.

particularidades e para o estabelecimento das diferenças. Por exemplo, a diferença entre lugares pôde expressar-se na designação dos times: o time do Alto de Santana, o da Baixada do Glicério, o do Lavapés, o da Lapa de Baixo e assim por diante. Mas, expressavam-se também diferenças culturais: por exemplo, o Corinthians era formado por espanhóis do ferro-velho. E do Palestra Itália, o que dizer? Enquanto exercício lúdico, o futebol implicava uma prática em cuja trama ia sendo envolvida a sociedade inteira: diferentes idades, gênero, cor ou raça, condição social, saberes e habilidades.

Como era uma atividade essencialmente masculina, as mulheres iam sendo nela indiretamente enredadas, porque o mundo do futebol entrava pela porta da casa a dentro trazido pelos meninos de pés feridos que precisavam cuidado, pelas lides dos homens atarefados, com os encargos que assumiam e pelas roupas e chancas imundas de lama ou de poeira, ao final das pelegas. E, mais que tudo, “o jogo”, “o jogar” veiculava paixão, ocupava o coração e as mentes que, como um pano de fundo, fornecia a substância para muitos atos rituais cotidianos. Jantar rapidinho porque precisava marcar jogo, fazer reunião, en-

contrar pessoas, muitas pessoas e falar, falar sobre o acontecido e sobre o que aconteceria no próximo fim de semana.

Com o tempo, em muitos bairros, muitas mulheres chegaram a engrossar as torcidas, que se deslocavam para lá e para cá, em caminhões, trens, carroças ou bicicletas.

Muitos caminhões que, pelos anos quarenta, carregavam tijolos, areia, lenha para queimar nos fornos de olarias e também para uso doméstico, circulavam com jogadores e torcidas, aos domingos, percorrendo a trama que o futebol de bairro tecia.

O futebol de bairro em São Paulo foi identificado como futebol de várzea porque a cidade fora sendo formada e cresceu no ângulo de confluência do Tietê e do Pinheiros; num primeiro momento, na colina entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, mas já na virada do século, a cidade alcançara as várzeas daqueles rios, dispondo de ampla superfície de inundação. Eram milhões de metros quadrados de terra, circunscritas pelos processos da cidade e com bairros populosos, por exemplo: os bairros operários de além-Tamanduateí, os bairros caipiras de além-Tietê, os bairros e vilas que se formavam na direção de Santo Amaro.

“Naquele tempo [década de 20], ti-

nha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Penha pode por cinquenta campos. Barra Funda entre vinte e vinte cinco campos. Ipiranga, junto com Vila Prudente, pode por uns cinquenta campos. Vila Matilde uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamentos. O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo para a fábrica [...] antes o pessoal estava espalhado nas várzeas e nos bairros jogando mesmo [...] quando foi morrendo o jogo da várzea e o futebol de bairro começou a se concentrar o público nos estádios.” (Bosi,

1979, p.88). Os profundos enraizamentos da vida de bairro, assim produzidos, expressavam-se no interior de relações verticais, hierárquicas, erigidas em torno de profissões prestigiosas e de nomes de família. Quase sempre delas derivava a centralidade do bairro.

Operários pobres, e pobres tão pobres que nem operários eram, nos times tornavam-se conhecidos, isto também valia para os negros, fato que contrastava enormemente com o estigma social a que estavam sujeitos.

Através do futebol, os bairros ganhavam visibilidade e firmavam-se as identidades, não só a partir dos jogos nos campos de futebol, mas também pelas representações, imagens e discursos nos quais se desdobrava. Disto a imprensa e a rádio difusão eram os suportes. “Como era formidável quando A Gazeta Esportiva falava de nosso jogo aqui do bairro”, dizia um velho jogador da várzea.

Ao final da década de 20, o jornal A Gazeta Esportiva fez uma convocação geral aos times existentes e bem antes de terminar o prazo de inscrição já se contavam mais de duzentos times³. E assim a alegria do futebol de várzea aparecia nos relatos de época, pelo rádio e pelo jornal. E de

quebra nascia a imprensa e a crítica esportiva. Pelos meados dos anos 50 vai chegando ao fim a atividade livre nos campos de várzea em São Paulo e a profissionalização, cada vez mais acentuada no futebol, seria o sentido desse processo.

O CINEMA DE TODOS NÓS

O cinema chegou ao bairro geralmente como parte de uma atividade paroquial. Era para o cinema do salão paroquial, ou para a projeção em parede, que se convocavam os moradores indistintamente. Foi o cinema que trouxe mais claramente as ambigüidades da vida moderna para o interior da vida de bairro, esta que, embora não sendo nada homogênea, mantinha grande coesão principalmente nos bairros isolados, porque estava fundada em práticas muito localizadas.

A atividade cinematográfica que nasceu como indústria do entretenimento por sua natureza estava fadada a todos os confrontos com a Igreja⁴. Afinal, essa indústria não só tocava nos costumes, mas criava outras formas de uso do tempo. Em resposta a Igreja liderou a formação dos cinemas de bairro e até transformou capelas em cinemas.

A atuação da Igreja, até onde posso compreender tal processo, visava a manutenção da coesão da vida de bairro, preservando-lhe a ascendência que marcou a formação e o desenvolvimento do bairro. E, diga-se, mesmo nos bairros em que a indústria fora o fator de aglutinação dos moradores. E nem é preciso insistir na mesma linha de argumentação. De fato a religião católica era vivida como atributo da cultura porque os moradores eram católicos de muitas gerações. O pós-guerra marca o período do cinema de bairro em São Paulo que embora não tendo sido muito longo mostrou-se muito interessante, porque infletia diretamente sobre os modos de viver no bairro.

Assim, as crianças continuavam nascendo, sendo batizadas, indo à missa dominical, fazendo catecismo, jogando no time da igreja ou no infantil do time do bairro, isso tudo como prática coletiva da vida de bairro. Com o advento do cinema o novo é o seriado dominical: "a marca do zorro", por exemplo. Os filmes completos que seguiam ao seriado veiculavam

um outro mundo, onde existiria aquilo? O Havaí com ondas e maremotos; a nadadora eternizada pelo cinema nas piscinas azuis da Califórnia, Ester Williams.

Mas a investida da indústria cinematográfica levou a Igreja também a produzir filmes, a elaborar cotação e censura dos filmes lançados em circulação e criou até uma crítica própria do cinema. Chegou a produzir filmes sobre a vida dos santos, sobre a Paixão de Cristo. Supostamente a formação de uma filmografia, que condensasse a vida de santos, era o caminho a percorrer já que percebera que a nova arte, a nova imagem, o novo discurso era parte dos processos de secularização⁵. O seu maior êxito foi com "Marcelino pão e vinho".

Mas se os cinemas de bairro sob o ponto de vista da Igreja tinham por finalidade assegurar a manutenção da vida de bairro, evitando o interesse pela cidade, teriam que veicular filmes do circuito comercial. E foi isso que aconteceu. Só que a moral tradicional foi sendo enfraquecida pelos novos modos de ser, de viver, que o *american way of life* veiculou através do cinema.

Os anos cinquenta foram anos da cidade e do cinema em todo o mundo. Dos cinemas das áreas centrais, confortáveis, luxuosos, que induziram a uma forma de usar a cidade: a matinê era para adolescentes; o fim da tarde para os jovens;

os boêmios, "bons vivants", circulavam à noite quando o cinema, a boate e o restaurante formavam uma unidade. Tudo isso compôs um modo de viver com interesses sempre diversificados: um maior interesse pelo estudo, pelas novas profissões, por tudo que estivesse fora. Os pertencimentos da vida de bairro eram atravessados por novidades sem fim que não paravam de chegar; as mulheres procuravam adquirir habilidades para exercitá-las fora de casa e tudo ao som do *jazz band* americano. Em pouco tempo a própria cidade de São Paulo foi perdendo seu ar um tanto europeu que ainda hoje se observa em determinadas cidades latino-americanas. E vai sur-



A torcida da AAA - Associação Atlética Açucena, que fazia seu curso pelos bairros no caminhão do Gigeto, o massagista do time. Data: meados dos anos quarenta

Fotos de propriedade de Romilda Giós



Eis aqui registrado como memória a igreja, o campo de futebol, jogadores e moradores testemunhando momentos da vida de bairro. Os jogadores: Porfiro Cavallini, Raul Bontempelle e Natale. Data: meados dos anos quarenta.

gindo ainda nos anos cinquentas um ar cosmopolita, americanizado, que ficou na base da cultura de massa.

Mas os anos cinquentas, "época da cidade e do cinema" são também anos da explosão de loteamentos de enorme afluxo de população migrante. A área urbanizada vai além dos velhos bairros; trens e ônibus deslocam trabalhadores a grande distância. Dos Estados do Nordeste continuam chegando os pau-de-arara⁶. O novo componente a ganhar visibilidade no tecido urbano que proliferava era, portanto, o nordestino, entre outros migrantes nacionais.

Definia-se um padrão periférico de crescimento a partir dos mecanismos da especulação imobiliária, articulada à autoconstrução e à ideologia da casa própria. A indústria automobilística indicava já um novo padrão de acumulação com mudanças importantes nas funções do Estado e com mudanças qualitativas e quantitativas na estrutura do emprego. A cultura automotiva invadia as cidades e com ela as crianças perdiam a rua.

A migração nordestina não encontrou meios para se estabelecer maciçamente nos bairros de além-Tietê, em princípio por duas razões: a primeira sugere que os elos principais ou as redes que articulam a mobilidade da população em diferentes escalas na migração foram sendo estabelecidas a partir dos subúrbios industriais, neles os migrantes se inseriam no mundo do trabalho. A segunda parece ter sido derivada do controle estatal no uso das áreas imediatas à Cantareira, pela existência do reservatório e da estação de tratamento de água. Tanto que no início dos anos 70 a legislação de proteção dos mananciais incluía esta área nos códigos preservacionistas.

A arrancada da especulação fundiária nesta região é dos anos 50. Ao se iniciar essa década os loteamentos de Vila Cachoeirinha, de Vila Penteado, Vila Brasilândia, Vila Amália e outros menores começariam a ser ocupados também por nordestinos. Eram aqueles que lá chegaram de pau-de-arara. Eles ganhavam maior visibilidade na região nestas três últimas décadas. Até então, predominavam os nexos da migração estrangeira: de italianos na virada do século, seguidos por espanhóis. Mas, foram os portugueses que

formaram o fluxo mais contínuo de migração para esta região até os anos 50.

AFINAL, E O BAIRRO?

Claro está que na cidade de São Paulo não se acomodariam coerentemente tantos processos; não havia mais capacidade físico-normativa para reunir e potencializar positivamente aquilo que reunia. A partir de então são mais evidentes os interesses e as contradições que este processo carregava: vão aflorando conflitos e sendo produzida uma aparência de caos.

Os raciocínios aqui esboçados permitem observar que a vida de bairro chegou a ser uma experiência coletiva. Combinou o novo e o tradicional e sua positividade derivou do fato de não ser ainda a propriedade uma exclusão absoluta. Havia formas de agregação em torno da propriedade e mesmo a segregação sócio-espacial tinha ainda algo de "natural". O curioso é que a vida de bairro chegou a ser tradução de conteúdos qualitativos, mesmo sob vigência do industrialismo. Foi assim até que a expansão da cidade nos anos cinquentas, na verdade a sua explosão, que era a consumação de meio século de modernização, fora pondo a propriedade territorial como uma mediação essencial, como um nexos fundamental da reprodução da sociedade. Portanto, na história urbana o bairro seguia com a sua própria negação, que era a funcionalização do espaço e do tempo, era o domínio do quantitativo, o aniquilamento da espontaneidade experimentada nas formas lúdicas do futebol de bairro.

A urbanização foi configurando a metrópole: uma superfície de urbanização contínua, domínio do quantitativo porque regido pelo princípio: "tempo é dinheiro". Contudo, na metrópole não se pode suprimir espaços qualitativos porque sem eles não há vida. Mas, nestas condições, a qualidade se insere sobretudo nos circuitos do mercado; nos clubes fechados e no movimento da indústria do entretenimento. O nível de relações imediatas tende a ser restrito ao domínio da casa.

E, por último, na metrópole, as identidades estão sendo libertadas dos enraizamentos territoriais dos quais o bairro foi na história urbana o nível mais elementar. Por isso, os pertencimentos tendem a ser

eletivos, fundados em auto-reconhecimentos. As identidades são mobilizadas para outras esferas da vida e outras escalas, portadoras de outros conteúdos. É por isso possível falar sobre bairro e seus traços remanescentes, mas impossível recriá-lo.

*Odette Carvalho de Lima Seabra é profa. do Depto. de Geografia da FFLCH/USP.

NOTAS

1. Fonte: pesquisa sobre a Capela do Bairro do Limão.
2. Explicou-me um velho jogador: era uma câmara de borracha com um bigulim usado para enroscar a bomba da bicicleta. Por fora o revestimento da câmara era sola dura: "eu até passava sebo na bola".
3. Informação colhida no Jornal A Gazeta Esportiva, 1929.
4. Quando a Igreja defrontou-se com a questão do cinema, em 1926, elaborou a Encíclica Vigilante Cura - Papa Pio XI - na qual foram estabelecidas as bases para sua atuação (Alcântara, 1990).
5. "...a palavra secularização tem sido empregada para descrever um processo no nível cultural que é paralelo no [nível, O.S.] político. Denota o desaparecimento da determinação religiosa dos símbolos de integração cultural ... o cidadão surge na terra dos símbolos quebrados." (Cox, 1971, p.41)
6. Designou-se por pau-de-arara o caminhão que transportava migrantes para São Paulo. Notadamente os caminhões vindos do Nordeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi
(1990) *Cinema, quantos demônios*. Dissertação, Antropologia, PUC-SP.
- BOSI, Ecléa
(1979) *Lembranças de Velhos*. T.A. Queiroz, São Paulo.
- COX, Harvey
(1971) *A cidade do Homem*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, p.41.
- CÚRIA METROPOLITANA DE SÃO PAULO
(1996) *Listagem de Paróquias*.
- LANGENBUCH, Juergen Richard
(1971) *A estruturação da Grande São Paulo*. IBGE, Rio de Janeiro.
- LEFEBVRE, Henri
(1974) *La production de l'espace*. ed. Anthropos, Paris.
- BARRO, Máximo
(1977) *Nossa Senhora do Ó*. PMSP, Departamento do Patrimônio Histórico.
- TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes
(1970) *O bairro de Santana*. PMSP, Departamento do Patrimônio Histórico.